

## Os Terríveis Mortos-Vivos



Levantei da poltrona e desliguei a TV. Mais um noticiário preocupante. Deitei na cama, pegando meu laptop na cabeceira. As notícias estavam cada vez piores. No meu laptop, tinha mais de dez filmes de zumbis, e comecei a assisti-los. Desconfiava de um ataque deles, cada vez mais gente morria, vítima de mordidas, ou desapareciam, deixando sangue e escombros. Zumbis. A única causa possível. Comecei a desconfiar três meses atrás, ao fazer um trabalho para escola. Devia fazer uma grande redação, 5.000 palavras mínimas, sobre uma parte vital do corpo. Escolhi o cérebro.

Depois de muita pesquisa, descobri coisas fragmentadas, pouco a pouco. Uma galinha, quando sabe que seu fim está próximo, começa a correr. Se a deceparmos, ela continuara a correr por um tempo. Seu cérebro a mandou correr, e seu corpo correu, mesmo sem o cérebro. Isso mostra que elas não usam o cérebro para muita coisa. Perguntei-me se esse fenômeno, de executar uma ação depois de morto, não ocorreria também em seres humanos. Sim, ocorre, porém muito raramente. Um milésimo antes de morrer, o cérebro deve comandar uma última ação. Coisas pequenas, como levantar o braço, ou apertar um gatilho, não sair correndo, ou matando.

Vendo jornais impressos antigos, de vinte anos atrás, descobri o surgimento de uma nova doença, que se originou da explosão de uma usina nuclear nos EUA. A doença provocava um alongamento do tempo de movimento pós-morto. Aumentava muito o tempo, um mês ou dois a mais. A doença havia sido aparentemente contida. Porém, uma semana antes de descobrir tudo isso, outra usina explodiu, novamente nos EUA. Dês de então, as mortes aumentaram, o canibalismo aumentara, e algo estava errado.

Ouvi a porta da entrada batendo. Meu pai chegara do trabalho, e trouxera pizza. John Malibu, ex-policial nos EUA, e atual vendedor de

armas de fogo. Alias, acho que não me apresentei. Sou Thomas Malibu, estudante. Meu pai sempre acreditara em mortos-vivos, e me contava histórias de seus tempos de policial. Ele acreditava que mamãe tinha sido morta por zumbis.

Mas a real história, começa cinco meses depois do que acabei de narrar. O surgimento de mortos-vivos finalmente foi revelado quatro meses depois de fazer a pesquisa para escola. Houve uma guerra, que durou dois meses. Três meses depois da narrativa anterior, o crescimento da nova raça meio-humana estourou em nível mundial. Por sorte, assim que a guerra começou, eu, minha namorada, meu pai e meu melhor amigo, fomos para o interior do nosso estado. Pegamos toda munição e todas armas da loja do meu pai, todo dinheiro que tínhamos, muita comida e roupas, e fomos para a casa de Frederic, o avô falecido de Will. Seus pais estavam nos esperando lá, já os de Jenny preferiram permanecer na capital. Dois meses depois disso tudo, nenhum de nós tinha morrido, mas os zumbis eram em quantidade maior que pessoas normais. Toda Oceania, Ásia e Europa haviam sido tomadas pelos mortos-vivos, e eles se aproximavam. Já tínhamos matado alguns, a maioria meu pai, que sempre acertava a cabeça dos infelizes. Diferente de galinhas, se o cérebro de um zumbi para de funcionar, é seu fim.

Se quer saber, nunca matei nenhum zumbi. Sou horrível com armas de fogo. Porém, quero narrar aqui o dia em que matei meu primeiro morto-vivo, hoje em dia apenas morto. Sempre gostei de arcos, e flechas. Fazem menos barulho, mais fáceis de conseguir e produzir, e devo dizer que as acho um tanto mais simpáticas que armas de fogo. Por sorte, o avô de Will era um grande amante do arco e flecha, e eu vinha praticando. Minha mira estava boa, conseguiria acertar uma cabeça. O problema real era a força. Não sabia se perfuraria um crânio fundo o bastante, e não tinha com quem testar.

Certo dia porém, fui ao porão da pequena casa, pegar comida, e munição para meu pai, e vi num canto um grande baú. Para minha surpresa, ali estava uma besta, uma grande besta. Era leve, e ao seu lado estava uma aljava com dardos para a arma. Os pais de Will consentiram com a minha idéia de treinar com a besta ao invés do arco. Em poucos dias, me tornei um atirador exemplar. Sinto que já enrolei demais, vamos a verdadeira história.

O dia era nublado, com uma garoa fina de quando em quando. Eu estava encostado em uma árvore, montando guarda. Se não disse ainda, a casa ficava em uma floresta, um pouco ao sul da cidade propriamente dita. Estava sentado com a besta ao lado e os dardos na

aljava em minhas costas a uma ou duas horas, perdia constantemente a noção do tempo naquela floresta. Foi quando ouviu o barulho de passos. Não passos de gente, passos desengonçados, acompanhados por um murmúrio ou lamento vez ou outra.

Então, eu vi ao longe um zumbi colossal se aproximando. Era imenso, musculoso, mas parecia não me ver. Peguei um dardo e preparei na besta rápida e silenciosamente. Pegara prática com o tempo. Ainda sentado, levantei a arma na altura dos olhos e mirei concentrado. Molhei os lábios com saliva. Apertei o gatilho. A flecha voou veloz, mas não acertou o alvo. Não, justamente naquele momento fatal eu errei a merda da cabeça do monstro, e acertei o pescoço, que esguichou sangue negro e velho, fedorento.

Então a aberração olhou diretamente para mim, e seus olhos sem vida adquiriram um tom avermelhado. Sua raiva era imensa, e era certo que ele me mataria, se eu não o matasse primeiro. Preparei rapidamente outro dardo, e atirei.

O zumbi estava correndo na minha direção, rapidamente me alcançaria, quando meu dardo acertou o meio de sua testa. Ele soltou um urro de dor, e em um último sacrifício, pulou sobre mim, caindo morto poucos centímetros a minha frente.

Suspirei aliviado e contente, pois havia livrado o mundo de um morto-vivo horrível. Porém, meu suspiro tornou-se murmúrio, e então eu comecei a gritar pedindo ajuda.

Cinco zumbis enormes corriam na minha direção. Atirei e por sorte acertei um deles na cabeça. Os outros quatro viraram-se e encararam o companheiro morto por alguns segundos, mas logo voltaram a correr na minha direção. Levantei-me e estou correndo agora, o mais rápido que posso, porém eles vão me alcançar, mais cedo ou mais tarde, eles vão me alcançar. Temo que esta história não tenha um final feliz...